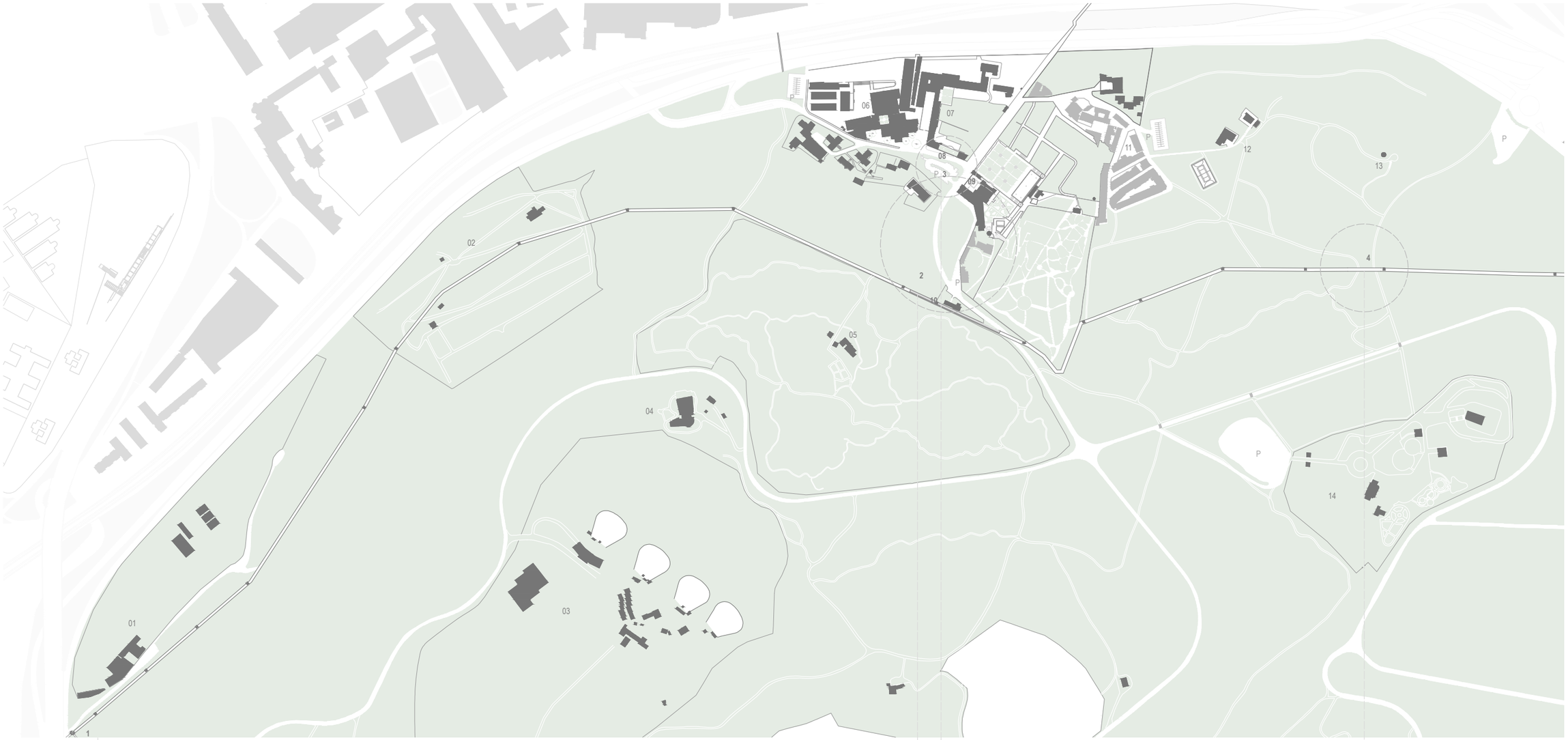
“Criem plataformas, espalhem-nas por todos os lados, na vossa imensa e gigantesca nação, para que seja o povo a fazer a comédia em qualquer instante.”

CORBUSIER, Le. “Le Théâtre spontané”, en Architecture et dramaturgie. Paris Flammarion editeur, 1950, p.150.



1| **Fim do percurso** marcado pelos respiradouros do **Aqueduto das Águas Livres**

2| Zona de transição entre Monsanto e S. Domingos de Benfica através da implantação de uma **Praça de Representação.**

3| Transformação do parque de estacionamento implantado no largo de S. Domingos de Benfica numa **Praça de Representação.**

4| Lugar envolvido pelo verde do parque do qual partem diversos percursos pedonais que estabelecem a ligação não só com os programas existentes mas também com os bairros e parques de estacionamento. Implantação do **Centro de experimentação Teatral Gil Vicente.**

Imagem 29| Existente | esc.:1I 6000

Planta | Levantamento | Pontos de intervenção

01| Quinta da Fonte; Externato Infantil e primário, 02| Parque Aventura, Mata de S. Domingos de Benfica, 03| Clube Português de Tiro ao Chumbo; restaurante, 04| Espaço Monsanto; restaurante, 05| Espaço Biodiversidade e Centro de Recuperação de Animais Silvestres de Lisboa, 06| Pupilos do Exército, 07| Irmãs Dominicanas; Palácio de Desvime ou da Infanta, 08| **Chafariz de Desvime**; 09| **Palácio dos Marqueses de Fronteira**, 10| **Troço visível do Aqueduto das Águas Livres**, 11| Bairro do Calhau, 12| Associação ambiental, 13| Moinho do Mocho, 14| Parque recreativo do Alto da Serafina, 15| Bairro da Serafina, 16| Vale de Alcântara, 17| Acesso ao aqueduto das Águas Livres; propriedade da EPAL.

5| Chegada a Monsanto | **Inicio do percurso** marcado pelos respiradouros do **Aqueduto das Águas Livres**

6| Ligação entre a cidade e Monsanto através do Aqueduto das Águas Livres | Possibilidade de atravessamento do vale de Alcântara.

7| Mãe de Água das Amoreiras.

Imagem 30| Proposta | esc.:1l 6000

Planta Implantação | Percurso | Respiradouros Aqueduto das Águas Livres

Imagem 31| Fotografias

Respiradouros Aqueduto das Águas Livres | Percurso | Monsanto

A ligação entre a cidade de Lisboa e o Parque Florestal de Monsanto concretiza-se através da de uma infra-estrutura existente, o Aqueduto das Águas Livres. As duas galerias laterais, anexadas ao corpo principal do aqueduto, permitem o atravessamento de pessoas sobre o vale de Alcântara.

Actualmente esta travessia é possível, no entanto, além de ser sazonal, quando terminamos o percurso e pensamos que podemos entrar em Monsanto os portões encontram-se encerrados e temos que voltar para trás.

Assim sendo, a formalização da proposta passa pelo abrir dos portões e pela clarificação do percurso do Aqueduto das Águas Livres em Monsanto.

Marcado por 18 respiradouros e quase sempre de cota, este percurso com 2 830m (aproximadamente) e que atravessa todo o lado norte do parque, apresenta-se actualmente em descontinuidade, desarticulado, com situações de impasse e hesitação. A indiferenciação deste sistema pedonal perante os outros sistemas existentes, surge como uma contradição na hierarquia pretendida.

A proposta de estabelecer uma articulação entre o percurso, os programas existentes, as praças de representação propostas e o Centro de Representação Teatral Gil Vicente, surge não só da vontade de o definir como elemento estruturador e articulador da proposta, como também transformador e ordenador do território.

Assim sendo, apesar de não ser um dos pontos de desenvolvimento do projecto aqui proposto, a materialização do mesmo parece-me fundamental, como forma de resolver e impor a hierarquia de sistemas, em que o pedonal sobrepõe-se a todos os outros existentes.

Imagem 32| Proposta | esc.: 1l 3000

Planta Implantação | Espaços de Representação

01| Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente; 02| Praça de Representação; 03| Praça de Representação; 04| Troço do Aqueduto das Águas Livres Visível; 05| Palácio dos Marqueses de Fronteira; 06| Chafariz de Desvime.

P| Parque de estacionamento

Os três espaços de representação surgem agregados ao percurso do Aqueduto das Águas Livres e definem-se como palcos singulares e únicos de acontecimentos públicos e sociais de Monsanto e da cidade.

Construídos sobre tensão de dois princípios adversos, o de pertencer e ao mesmo tempo de se diferençar da envolvente, estes espaços de representação aparecem em continuidade com o parque e com o percurso.

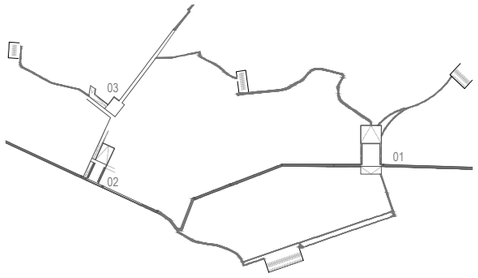
A eleição do sitio de implantação, assente na topografia, envolvente natural e arquitectónica, contribuiu para a caracterização particular de cada um dos três espaços de representação, que por sua vez, não só transformam a paisagem como também permitem uma leitura diferente do lugar, Monsanto. Este novo chão vai permitir a realização de diversas actividades livres e espontâneas, colectivas e individuais, sejam elas de carácter formal ou informal, de grandes ou pequenas companhias, "tendo como único recurso de iluminação o sol que, imparcial,"[49] une "espectadores e atores sob a mesma luz."[49]

O Centro de experimentação teatral Gil Vicente ocupa um lugar estratégico no território, de onde divergem variados percurso e trilhos já existentes, que fazem a ligação com os restantes programas, bairros e parques de estacionamento.

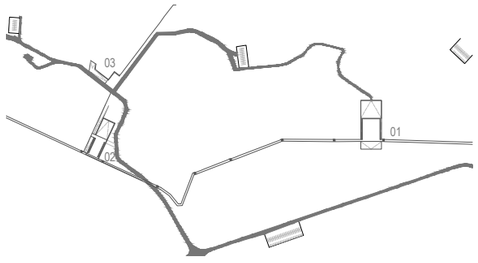
A Praça de representação 02, surge agregada ao único troço à superfície do Aqueduto das Águas Livres, em Monsanto. A recuperação da memória passa pela "transformação" cénica deste elemento como apoio às representações que possam surgir nesta praça. As suas funções programáticas exigiam uma ligação directa, para cargas e descargas, entre esta praça e o Centro de experimentação teatral Gil Vicente, além de proximidade com os parques de estacionamento, bairro do Calhau e Benfica. O percurso no perímetro da praça e perpendicular ao percurso principal, sobre o traçado de uma possível ligação entre o Aqueduto das Águas Livres e o Chafariz de Desvime, estabelece a continuidade até uma outra praça de representação.

A Praça de representação 03, associada ao Palácio dos Marqueses de Fronteira e ao Chafariz de Desvime, como forma de os revelar parte das suas representações, contribuiu para o redesenhar deste lugar cheio de significado e de história.

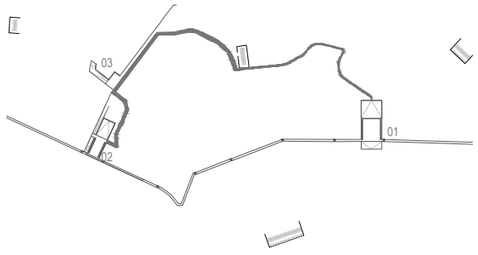
As três praças, apesar de fazerem parte de um sistema de praças de representação implantado no Parque Florestal de Monsanto, têm em si a autonomia de que precisam, caso o sistema falhe.



1| Percurso pedonal | Entre praças e pontos de estacionamento



2| Percurso viário | Acesso aos parques de estacionamento



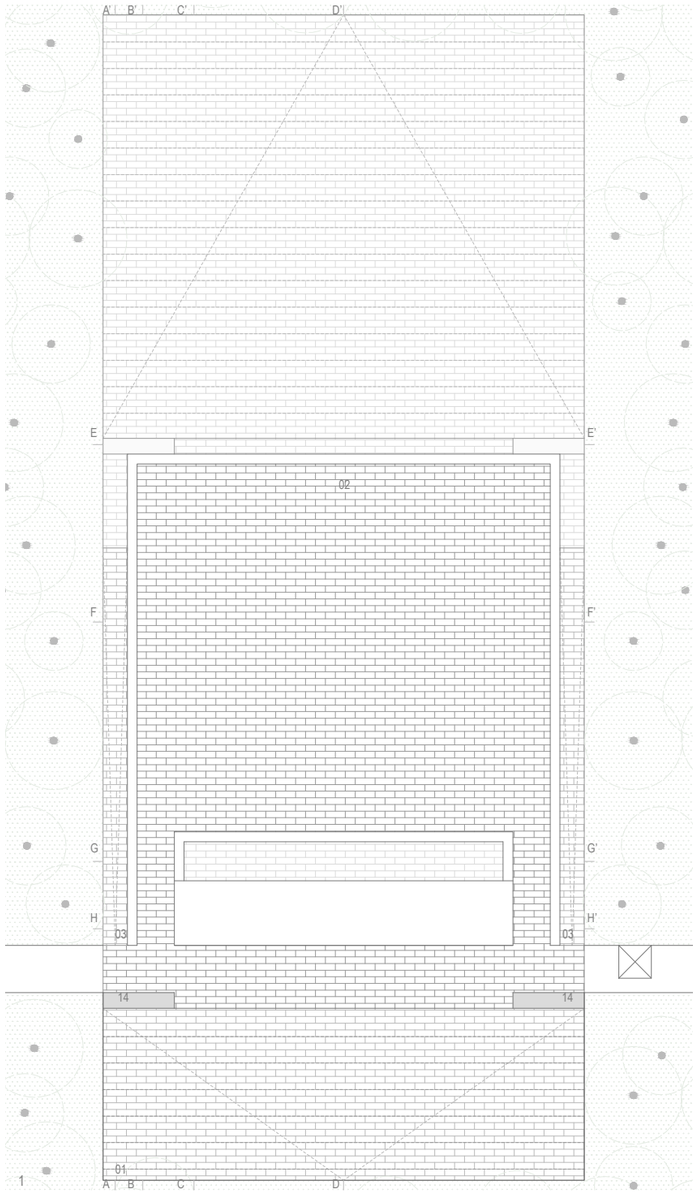
3| Percurso Cargas e descargas | Acesso para pessoas com mobilidade reduzida

Imagem 33| Proposta
Esquema | Relação entre as Praças

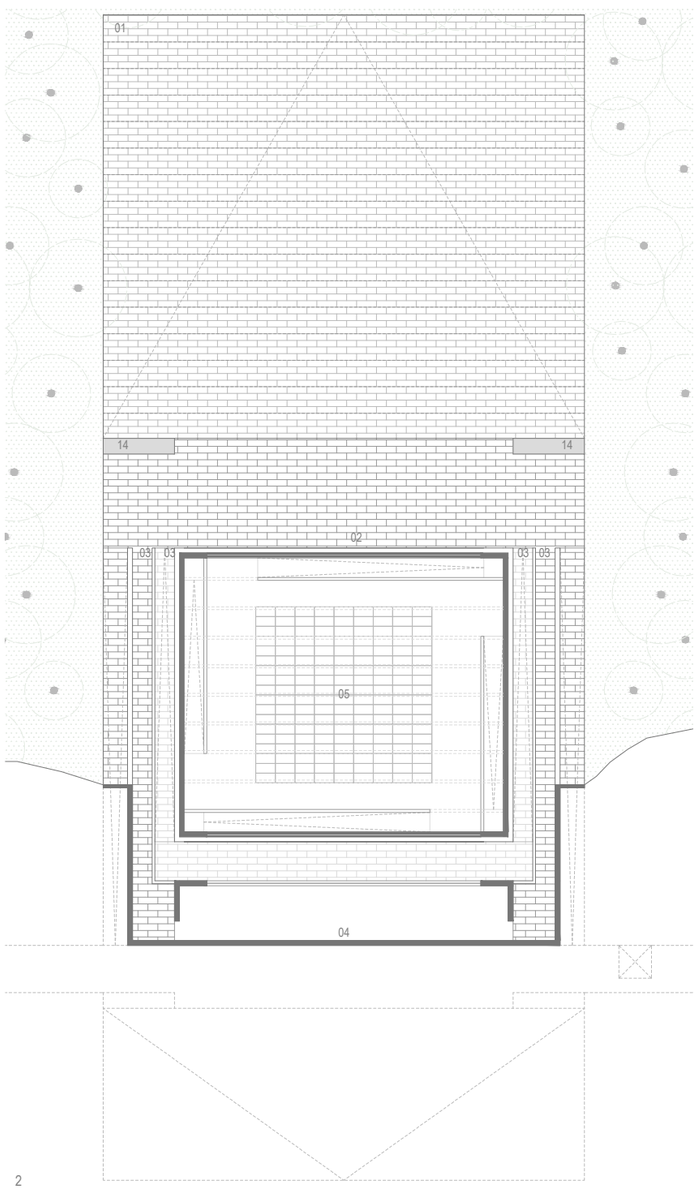
[49] BROOK, Peter. A porta aberta. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

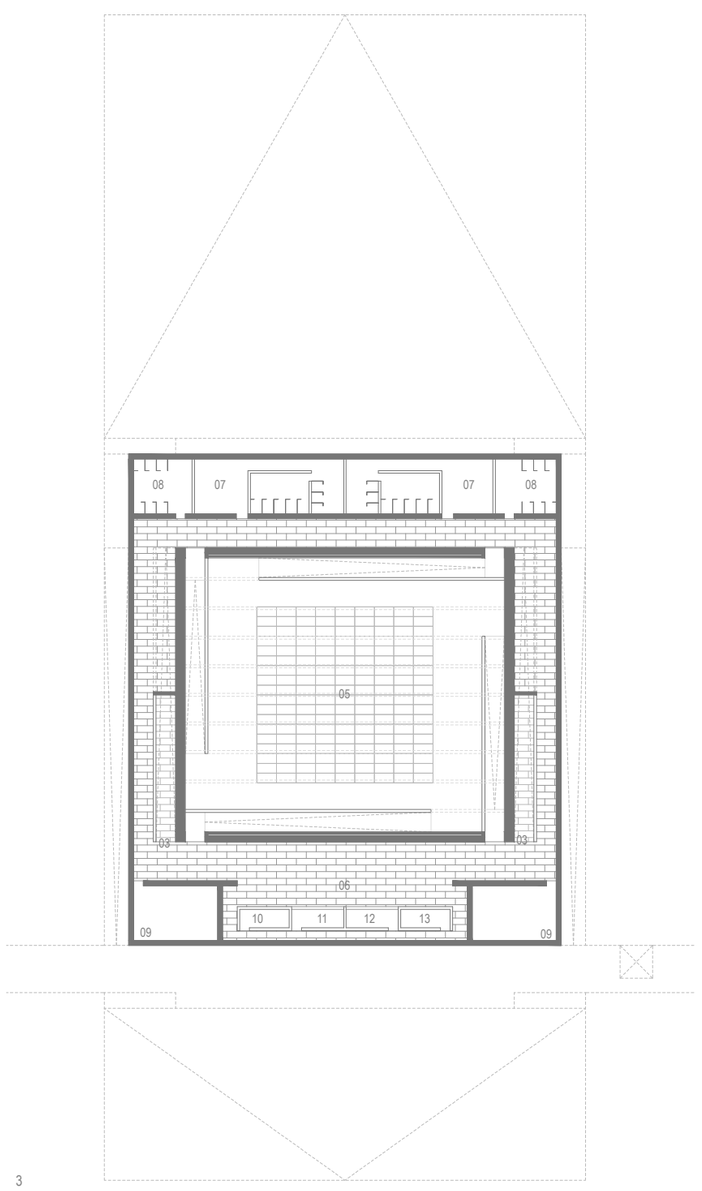
Espaço de Representação 01



1



2



3

Imagem 34| Proposta | esc.: 1l 600

Planta | Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

1| Planta cota 106; 2| Planta cota 99; 3| Planta cota 94.

01| Espaço de Transição entre Monsanto e os espaços de Representação | Espaço de permanência; 02| Praça de representação teatral; 03| Circulação | Acessos: 04| Espaço de Investigação; 05| Black box; 06| Foyer; 07| Camarim; 08| I.S.; 09| Salas de apoio; 10| Bengaleiro; 11| Recepção | Informação; 12| Cafetaria de apoio nos dias de espectáculos; 13| Arrumos; 14| Tanques de recolha de Água | Marcam a chegada ao Centro de Experimentação Teatral.

O Centro de experimentação teatral Gil Vicente, envolvido pelo verde do parque, é composto por dois espaços de permanência a cotas diferentes. Em continuidade com a inclinação topográfica do local, estabelecem a transição entre o parque e os espaços de representação, e entre o exterior e o interior do edifício, que surge enterrado à cota 106, e que se revela, numa primeira fase, apenas como um alargamento do percurso pedonal, o que permite a leitura clara da paisagem. Este "alargamento" define-se como um espaço multifacetado, pois além de ser a cobertura do espaço interior é o lugar onde todo o tipo de acontecimentos se podem suceder, desde representações espontâneas ou formais, concertos, bailados, feiras e eventos públicos de todas as escalas.

Estes planos, suavemente inclinados, que acompanham a topografia, como já foi referido anteriormente, além de serem espaços de transição e de permanência, foram pensados com o intuito de desempenharem a função de espaços para a observação dos acontecimentos realizados ao ar livre, tanto a céu aberto, à cota 106, como também cobertos, à cota 99, independentemente de estarem ou não ligados às práticas teatrais. Esta solução permite que as pessoas se sentem confortavelmente no chão e assistir a uma peça, a desfrutar do sol ou simplesmente observar a natureza, de forma livre e descontraída. O remate destes planos e a chegada ao Centro de experimentação teatral é marcado por dois tanques de água, que não só refrescam as pessoas nos dias de calor, como também, perpetuam a memória da água outrora existente no aqueduto.

Através de duas rampas, nas laterais do espaço definido como de representação exterior, acompanhando mais uma vez a topografia do lugar, chegamos a uma zona de representação coberta mas exterior, à cota 99. Este plano, que se estabelece em continuidade com o plano inclinado exterior, define o interior do edifício e agrega o Espaço de Investigação acedido por duas galerias laterais.

O volume central, que se define como gerador do espaço envolvente e que suporta os planos, sejam eles de representação ou de permanência, denomina-se de BlackBox. O acesso a esta sala, que se encontra à cota 94, é feito através de duas rampas que estão agregadas às paredes laterais e que desembocam na zona do foyer. Todos os programas de suporte a este espaço de representação interior encontram-se nas duas extremidades, permitindo a libertação do espaço em todo o seu perímetro.

Sem "muros e portas, bloqueios ou fronteiras"[50] assim se define este centro de experimentação teatral, bem como os dois outros espaços de representação propostos. À semelhança das praças da cidade, o acesso é livre, o chão é de todos.

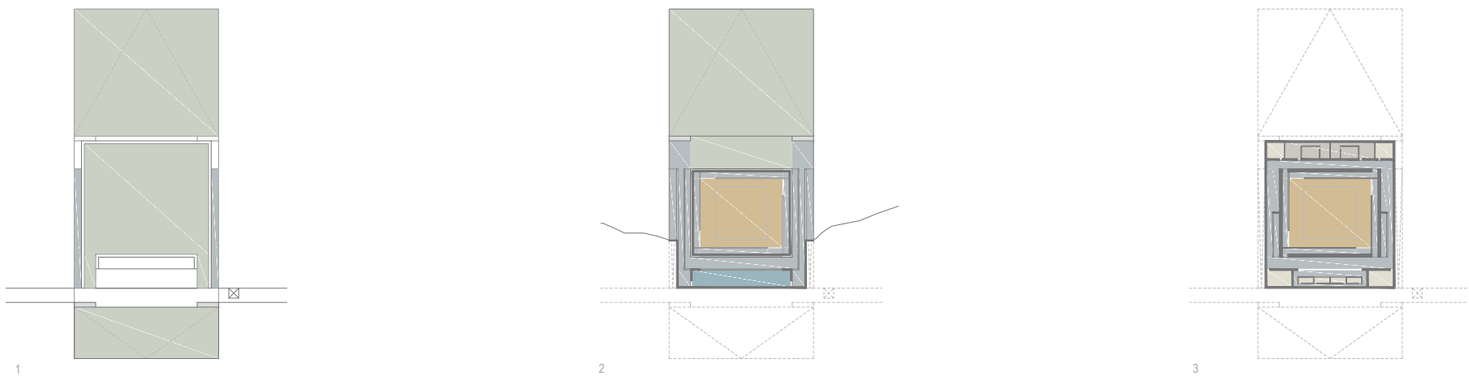


Imagem 35| Esquema de organização programática | esc.: 1|2000
Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente

Espaço de permanência | Representação exterior Black Box Circulação | Distribuição Espaço de Investigação Camarim Serviços (Sala de apoio | Administração | Bengaleiro | Recepção | Cafetaria | Arrumos | I.S.)

[50] ROCHA, Paulo Mendes. Archias da in Cosac Naify. São Paulo, Brasil. p. 62.

Imagem 36| Proposta | esc.: 1I 300

Corte AA' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

Praça de representação
Percurso Pedonal
Aqueduto das
Águas Livres
Tanque
Espaço de permanência | cota 106
Parque Florestal de Monsanto
Tanque
Espaço de representação coberto
0m
5m
10m

Imagem 37| Proposta | esc.: 1I 300

Corte BB' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

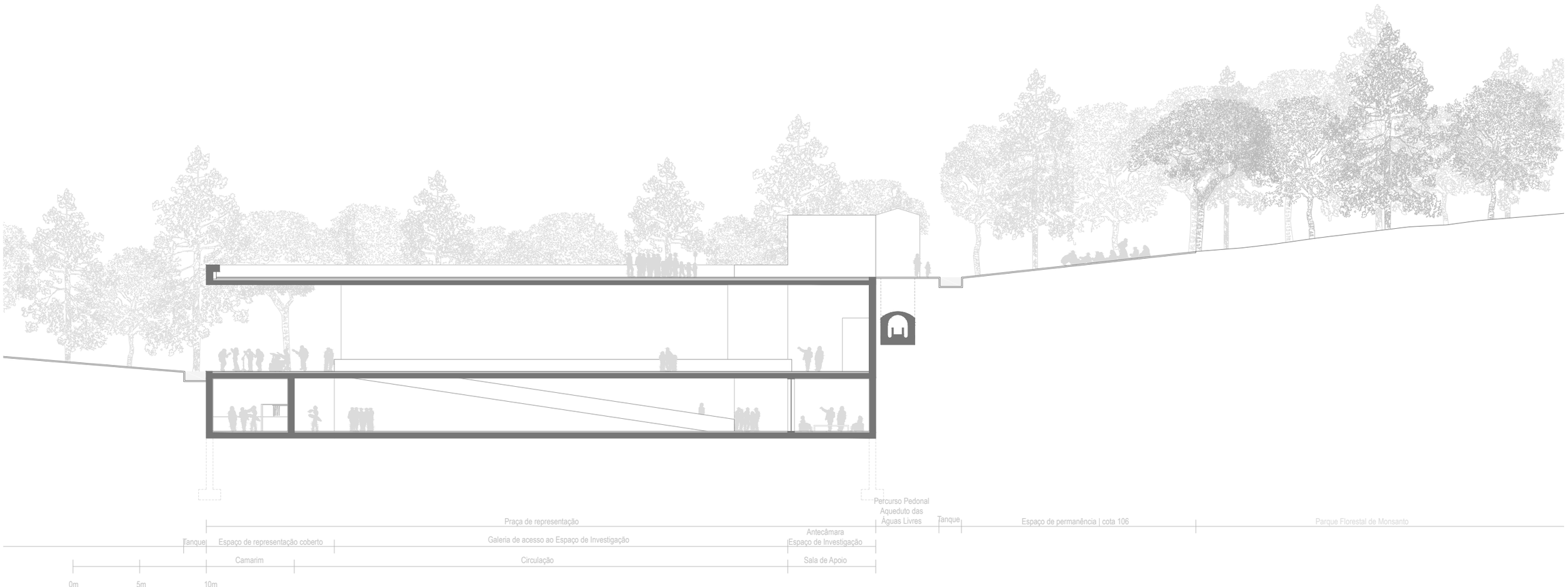

Percurso Pedonal
Aqueduto das
Águas Livres
Tanque
Espaço de permanência | cota 106
Parque Florestal de Monsanto
Praça de representação
Antecâmara
Tanque
Espaço de representação coberto
Galeria de acesso ao Espaço de Investigação
Espaço de Investigação
Camarim
Circulação
Sala de Apoio
0m
5m
10m

Imagem 38| Proposta | esc.: 1I 300

Corte CC' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

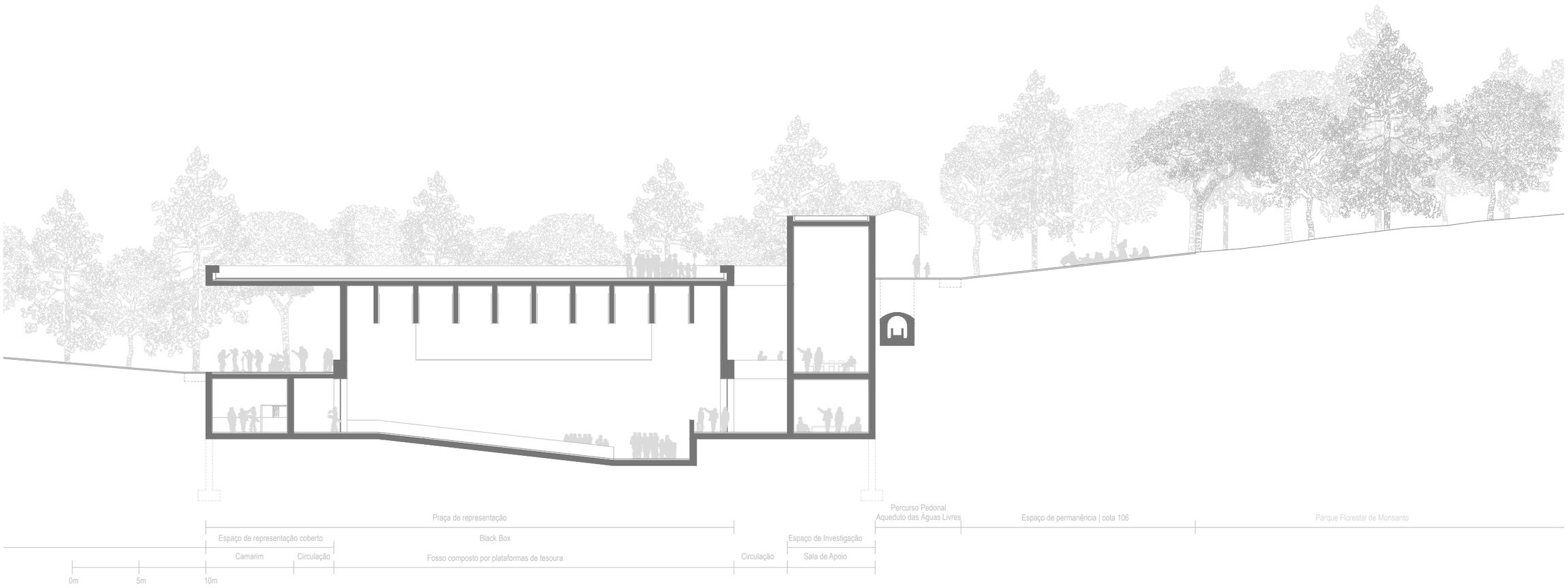
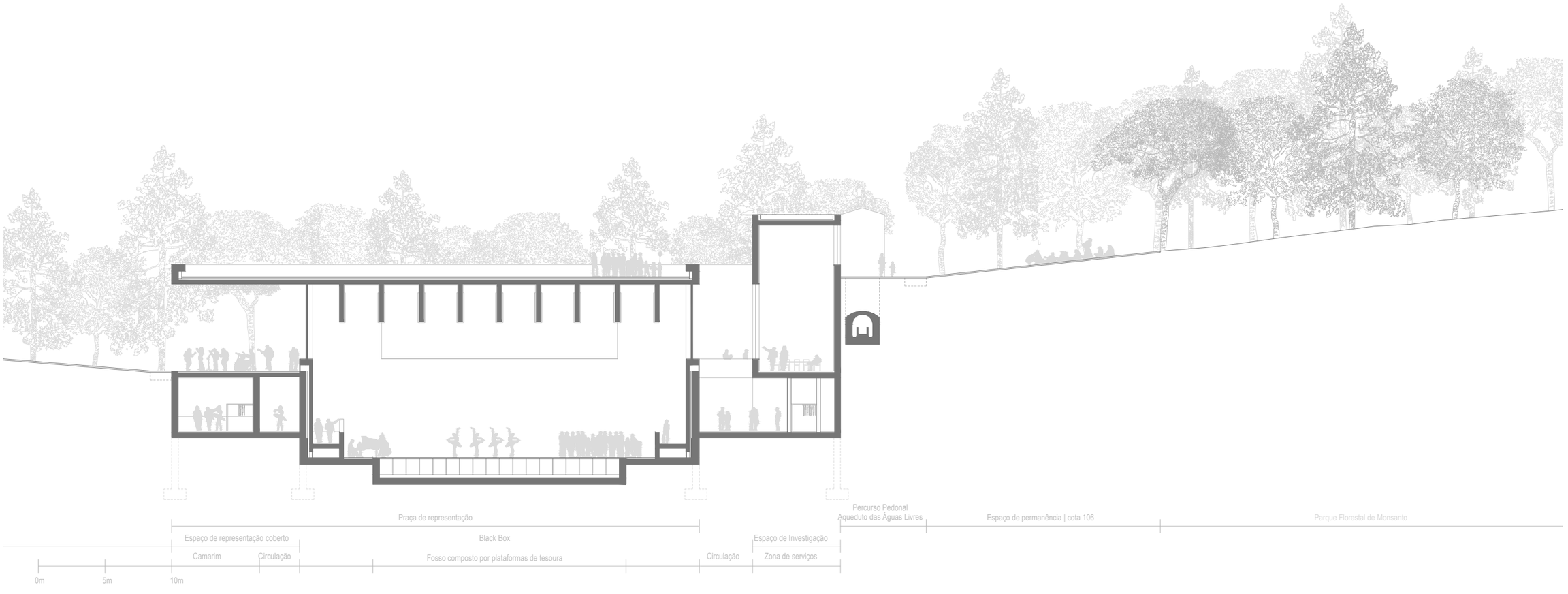

Praça de representação
Espaço de representação coberto
Black Box
Camarim
Circulação
Fosso composto por plataformas de tesoura
Circulação
Espaço de Investigação
Sala de Apoio
Percurso Pedonal
Aqueduto das Águas Livres
Espaço de permanência | cota 106
Parque Florestal de Monsanto
0m
5m
10m

Imagem 39| Proposta | esc.: 1I 300

Corte DD' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente


Praça de representação
Espaço de representação coberto
Camarim
Circulação
Black Box
Fosso composto por plataformas de tesoura
Circulação
Espaço de Investigação
Zona de serviços
Percurso Pedonal
Aqueduto das Águas Livres
Espaço de permanência | cota 106
Parque Florestal de Monsanto
0m
5m
10m

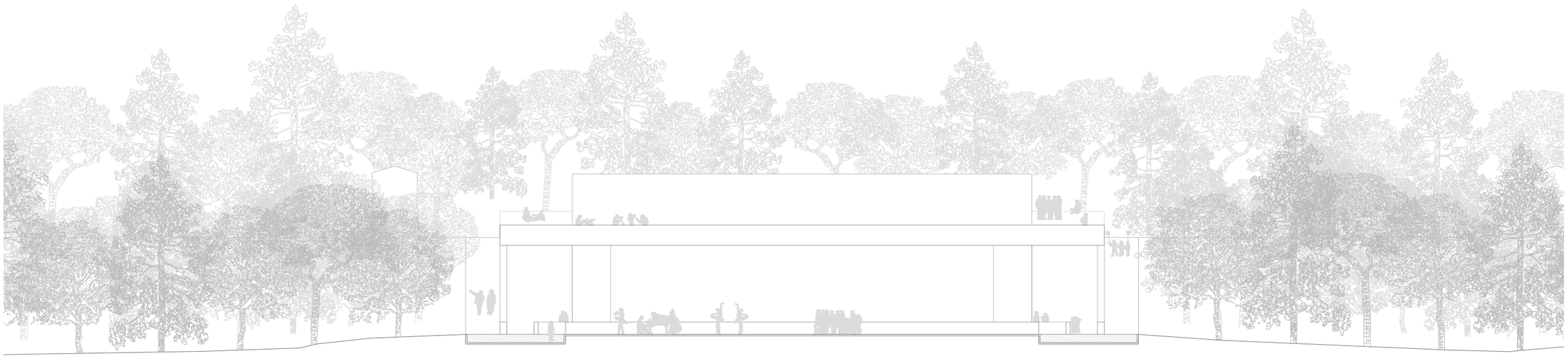


Imagem 40| Proposta | esc.: 1I 300

Corte EE' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

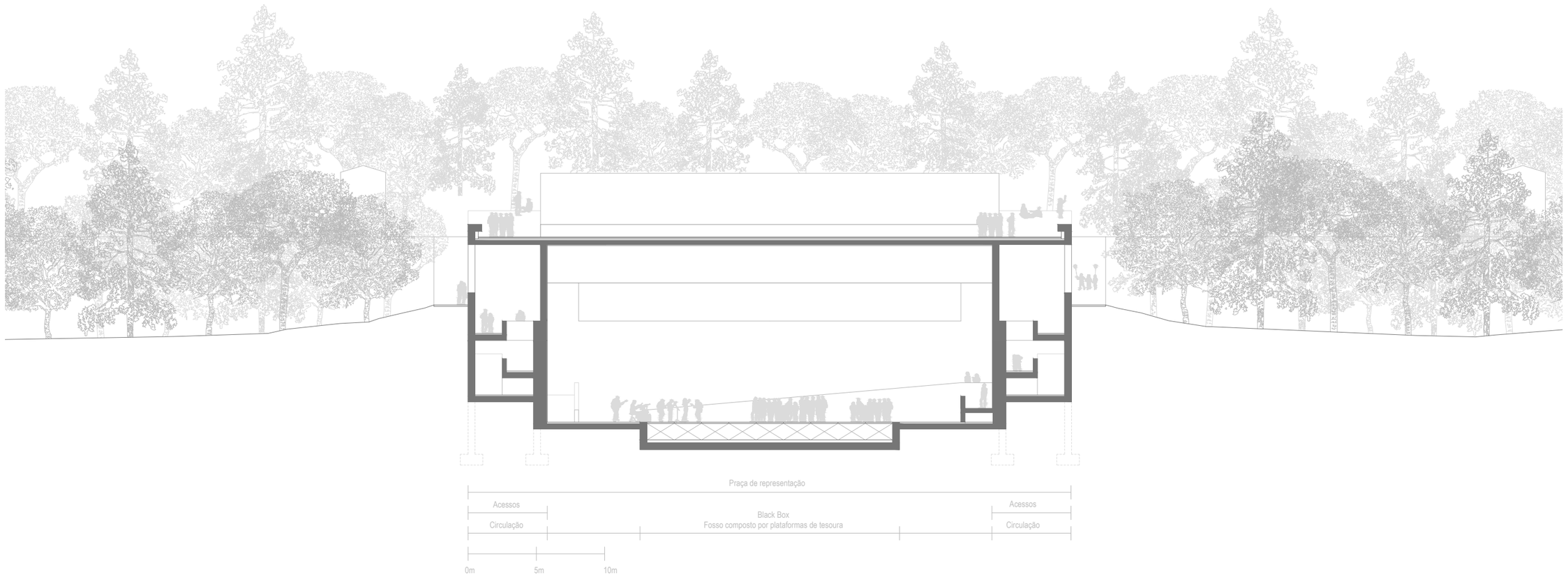


Imagem 41| Proposta | esc.: 1I 300

Corte FF' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

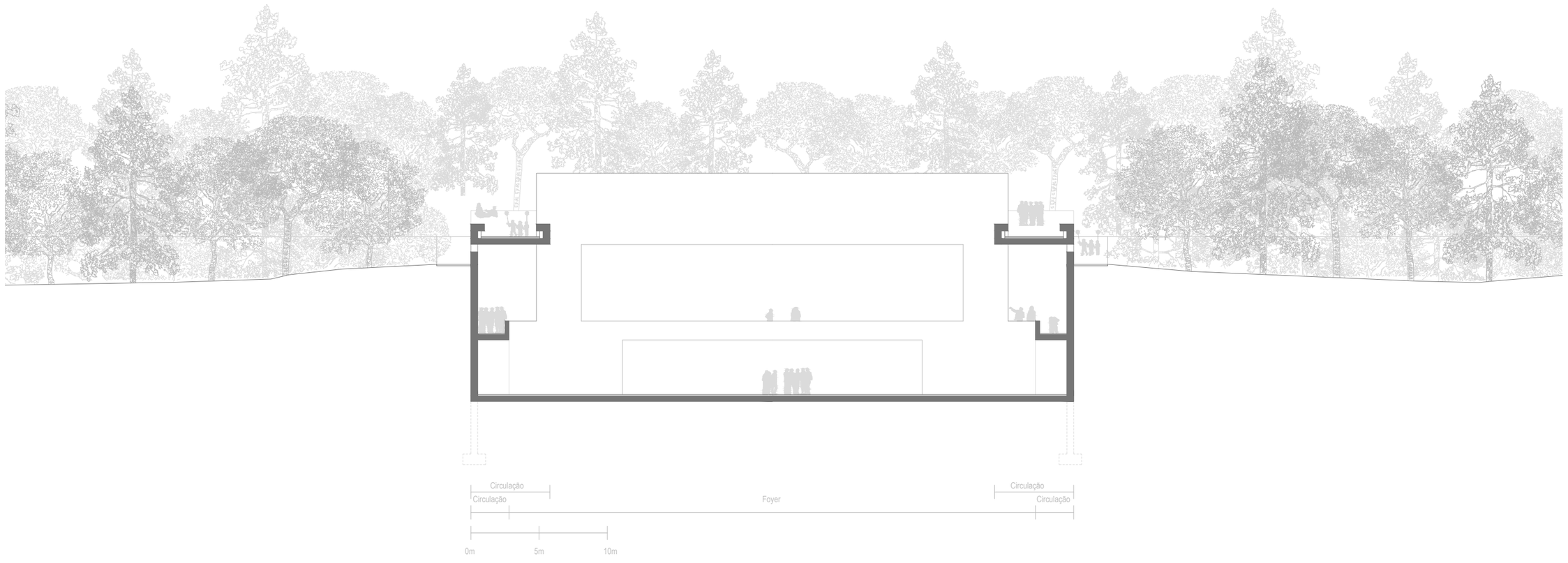


Imagem 42| Proposta | esc.: 1I 300

Corte GG' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

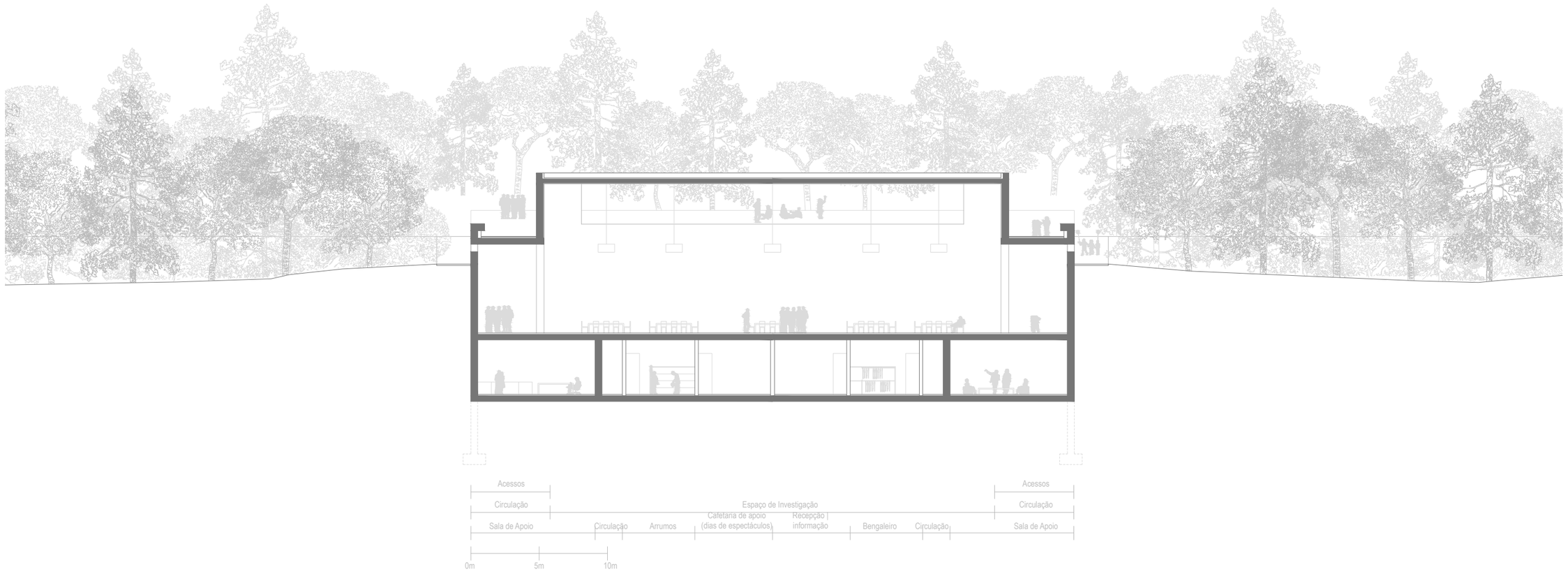
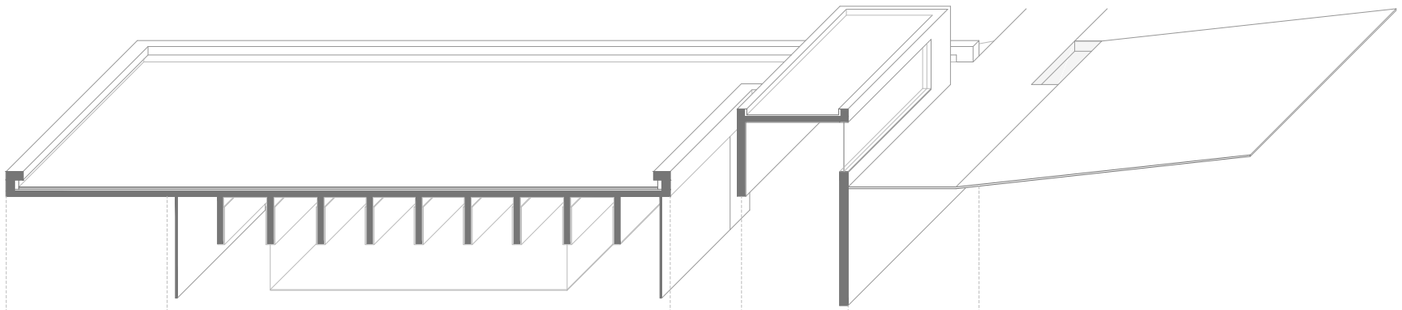


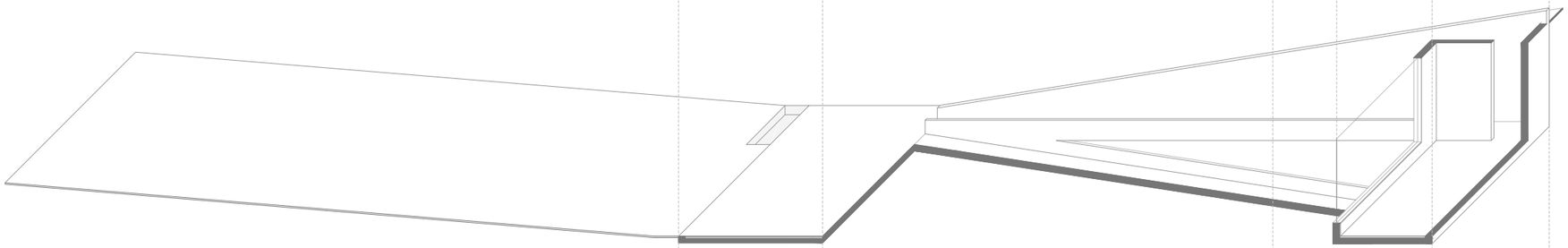
Imagem 43| Proposta | esc.: 1I 300

Corte HH' | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

01



02



03

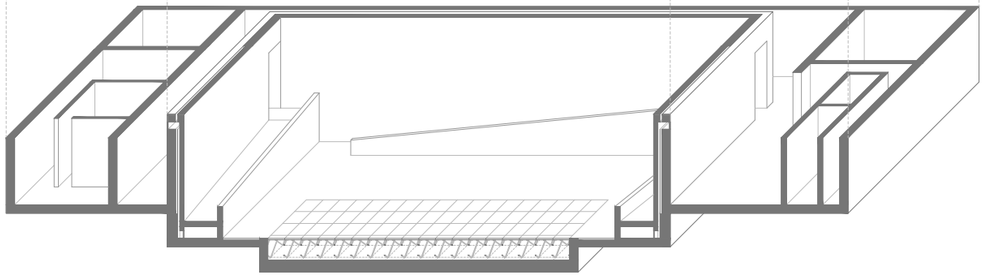


Imagem 44| Proposta

Axonometria | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

01| Cota 106: Espaço de permanência, Praça de representação; 02| Cota 99: Espaço de permanência, Espaço de representação coberto, Espaço de Investigação; 03| Cota 94: Blackbox, Foyer, Camarins, I.S., Salas de apoio, Bengaleiro, Recepção.

Imagem 45| Proposta
Maquete

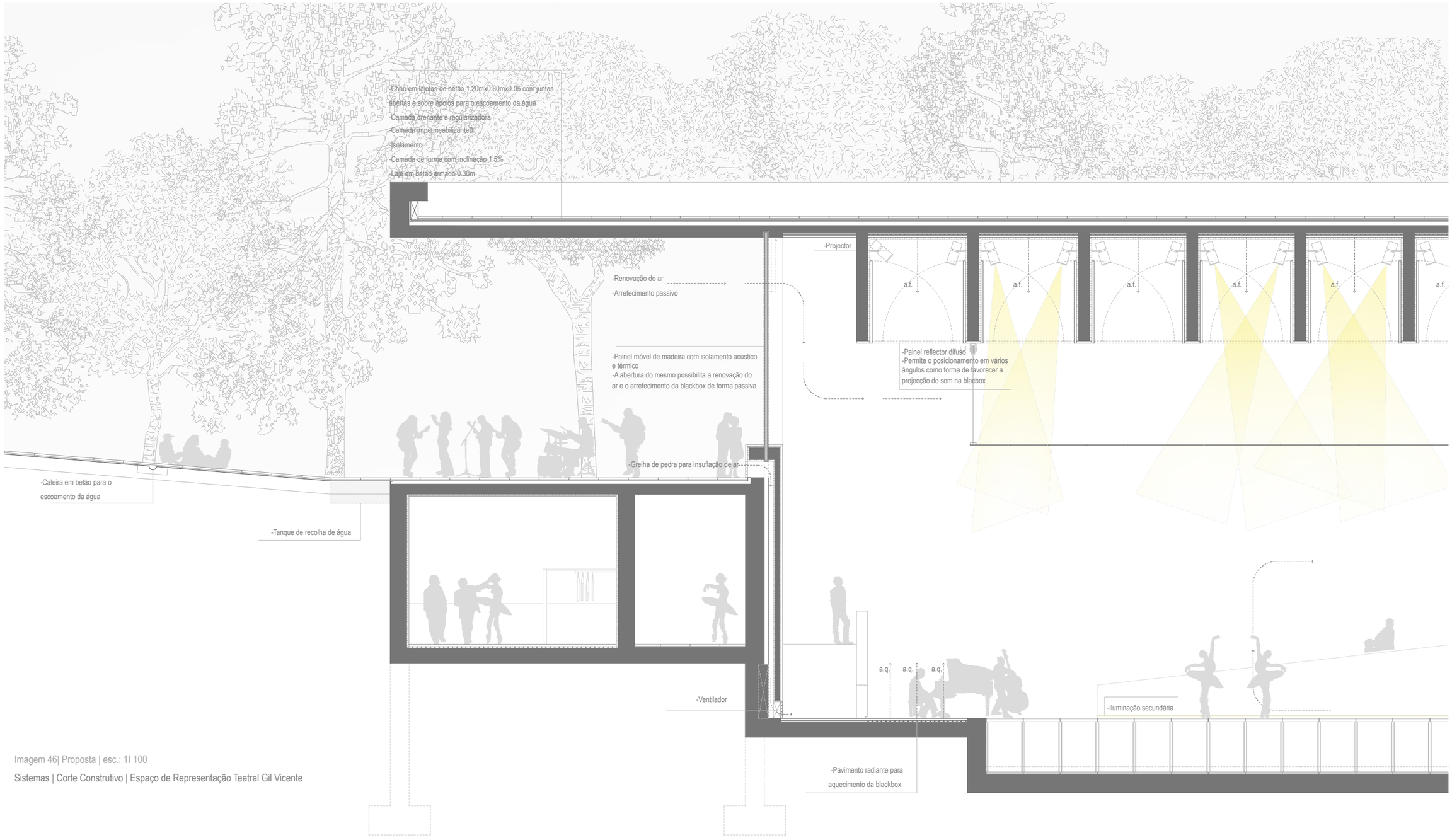
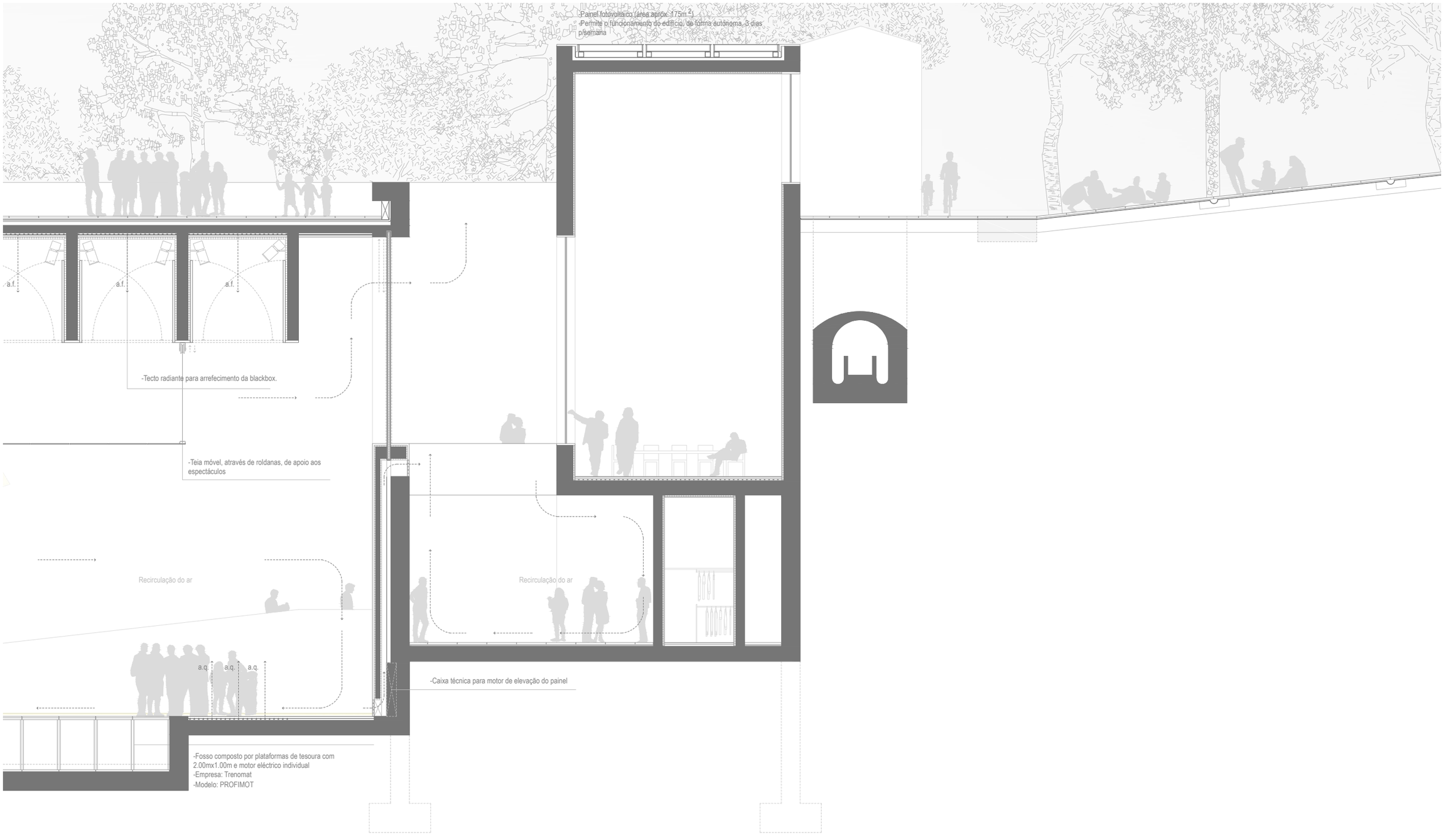


Imagem 46| Proposta | esc.: 1l 100

Sistemas | Corte Construtivo | Espaço de Representação Teatral Gil Vicente

Centro de Experimentação Teatral Gil Vicente | Sistemas | Corte Construtivo



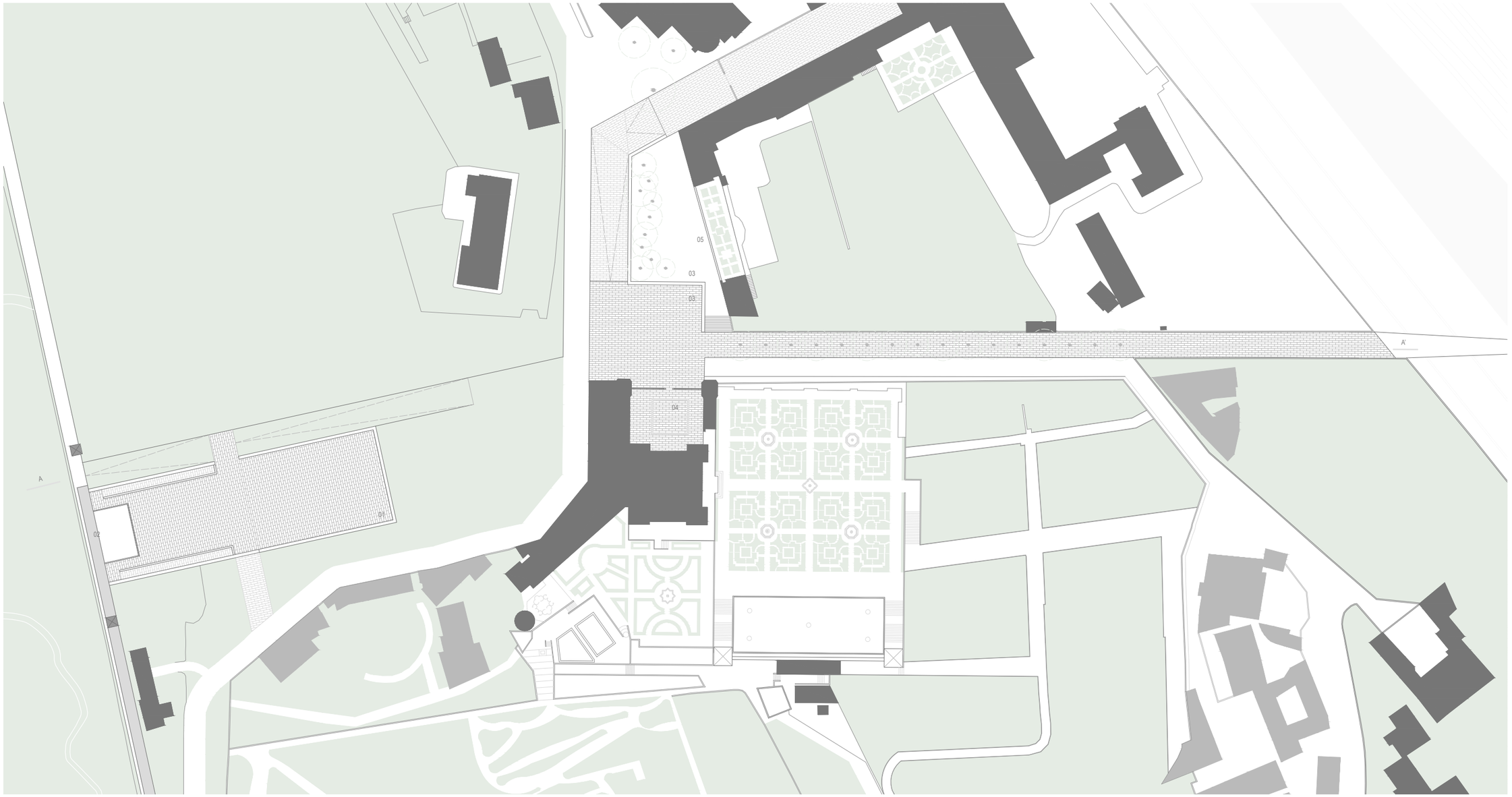


Imagem 47| Proposta

Planta Implantação | Continuidade entre espaços de representação | Elementos Cénicos | S. Domingos de Benfica

01| Espaço de Representação 02; 02| Elemento cénico Aqueduto das Águas Livres; 03| Espaço de Representação 03; 04| Elemento cénico Palácio dos Marqueses de Fronteira; 05| Elemento cénico Chafariz de Desvime.

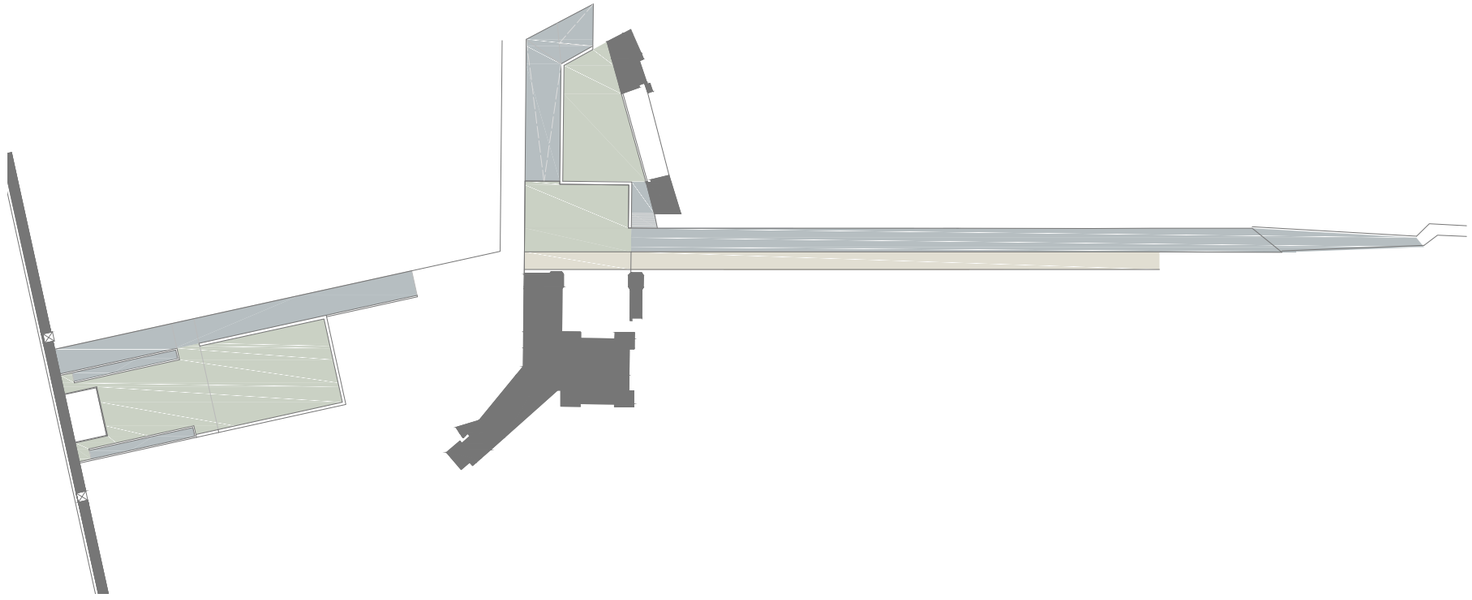


Imagem 48| Esquema de organização programática | esc.: 1|2000

Continuidade ente espaços de representação

Espaço de permanência | Representação exterior Circulação | Distribuição Acesso viário condicionado

Ao contrário do Centro de experimentação teatral Gil Vicente, envolvido pelo verde do Parque florestal de Monsanto, estes dois espaços de representação surgem associados a elementos arquitectónicos existentes em S. Domingos de Benfica. Segundo Ramalho Ortigão, esta "antiga e amável povoação de Bemfica, ainda que tão decaída hoje da alta importância que teve outrora no conceito, caprichoso e inconstante, da alta sociedade da capital é, ainda assim, no seu tanto, o recantinho suburbano de Lisboa que mais aproximada ideia nos sugere do que é Roma o prestígio de Tivoli e de Frascati. Em nenhum outro lugar de Portugal, se exceptuarmos Cintra se encontrarão reunidas em tão pequeno circuito, tão lindas, tão históricas, tão anedoticas, tão saudosas quintas, como as que encerram Bemfica"[51], assim sendo, estas duas praças de representação, pretendem revelar a riqueza do lugar, através da recuperação e valorização da sua memória.

Se por um lado, como já foi referido, o Centro de experimentação teatral Gil Vicente aparece em pleno parque, a praça de representação 02, além de estar associada ao único troço visível do Aqueduto das Águas Livres, em Monsanto, elegendo este como parte do cenário, faz a transição entre a densa floresta de Monsanto e S. Domingos de Benfica, onde surge em continuidade a praça 03. Envolvida pelos palácios dos Marqueses de Fronteira e da Infanta, pelo chafariz de Desvime e Igreja do Rosário, esta praça permite o usufruto do lugar e da arquitectura existente, ao contrário do actual Largo de S. Domingos de Benfica transformado num parque de estacionamento.

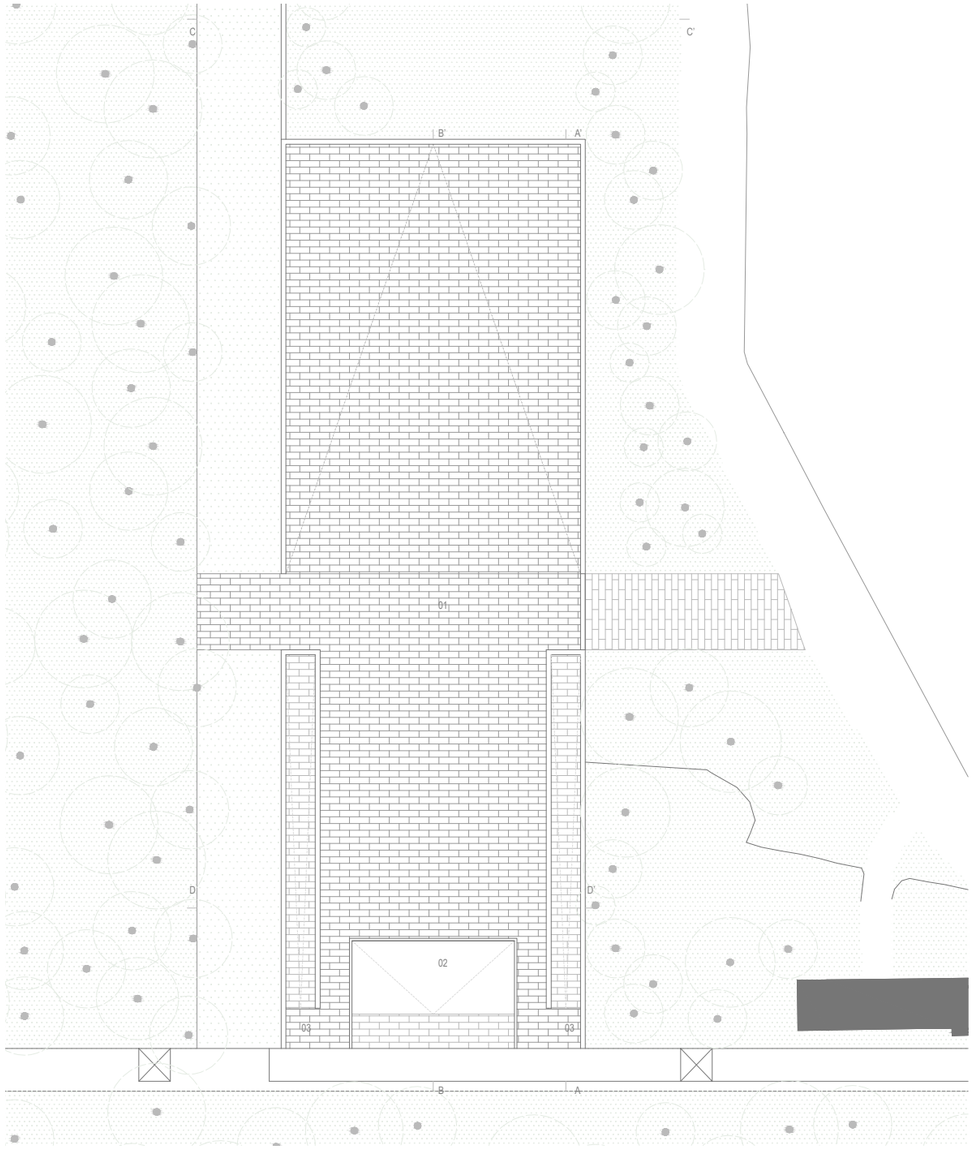
Assim sendo, este novo chão que surge em Monsanto, construído como praça de representação, da vida ou do espectáculo, funda o lugar e transforma-o, concedendo-lhe o dom de o habitar.

[51] PROENÇA, Raul, (dir. de) – Guia de Portugal Lisboa e Arredores. Lisboa, 1924.

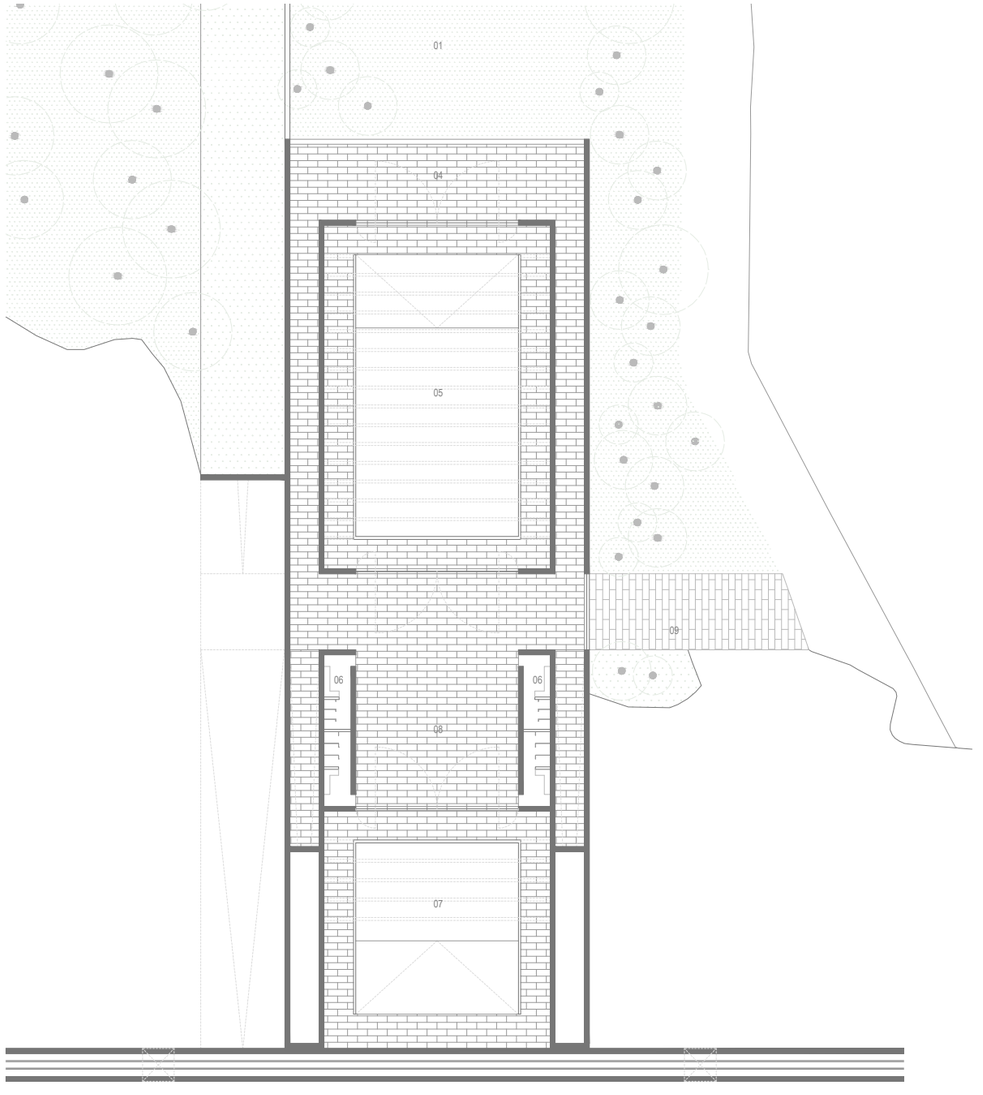
Imagem 49| Proposta | esc.: 1l 500

Corte AA' | Continuidade entre praças

Praça de representação 02 | Espaço Cénico – Aqueduto das Águas Livres
viário
Percurso pedonal entre praças
Acesso
Espaço de representação plantado
Percurso pedonal entre praças
Acesso
Praça de representação pétrea
Percurso pedonal entre praças
Aqueduto das Águas Livres
Percurso pedonal
Espaço de Biodiversidades



1



2

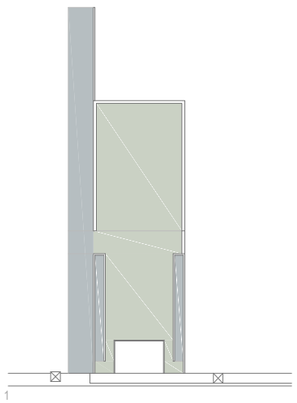
Imagem 50| Proposta | esc.: 1| 600

Planta | Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres

1| Planta cota 100; 2| Planta cota 95.

01| Espaço de permanência (cota 100 – pétreo | cota 95 – plantado); 02| Praça de representação teatral; 03| Circulação | Acessos: 04| Espaço representação teatral coberto; 05| Oficinas; 06| I.S e balneários; 07| Espaço de trabalho teatral; 08| Espaço de trabalho informal; 09| Cargas e descargas.

Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres



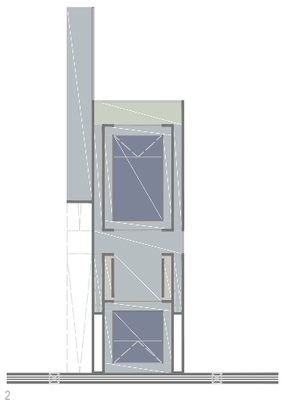


Imagem 51| Esquema de organização programática | esc.: 1|2000

Espaço de Representação 02

Espaço de permanência | Representação Circulação | Distribuição Espaço de trabalho teatral | Oficinal I.S. | Balneários

O Espaço de Representação 02, caracterizado pela sua proximidade com troço visível do Aqueduto das Águas Livres, define-se como um espaço de transição entre Monsanto e S. Domingos de Benfica.

Perpendicular ao percurso do Aqueduto e marcada pelos respiradouros do mesmo, a praça mantém a mesma tipologia do Centro de experimentação teatral Gil Vicente: um plano horizontal, chão das representações, em continuidade com um plano inclinado, chão de permanência e observação dos acontecimentos.

As duas rampas, nas laterais do espaço de representação, funcionam como uma ligação directa à cota 95 onde se encontram os camarins, espaço de trabalho teatral, oficinas e um espaço de representação coberto. Estas rampas, em dias de espectáculo destinam-se aos actores e a todos os elementos do espectáculo, tendo o público, como opção, o percurso existente na lateral da praça, que não só permite o acesso a um espaço de permanência plantado, como também estabelece a ligação à terceira praça.

Os programas reunidos sob o chão da praça são parte integrante dos acontecimentos teatrais do Centro de experimentação teatral Gil Vicente e dos restantes espaços de representação propostos.

Traçados em continuidade e através de depressões no terreno, o espaço de trabalho teatral e a grande oficina, composta por oficina de luz ,som, cenografia, adereços e figurinos, estão divididos por portas pivotantes que quando abertas permitem uma a leitura do espaço no seu todo.

Imagem 52| Proposta | esc.: 1I 300

Corte AA' | Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres

Espaço de permanência plantado

Percurso viário

Quinta e Palácio dos Marqueses de Fronteira

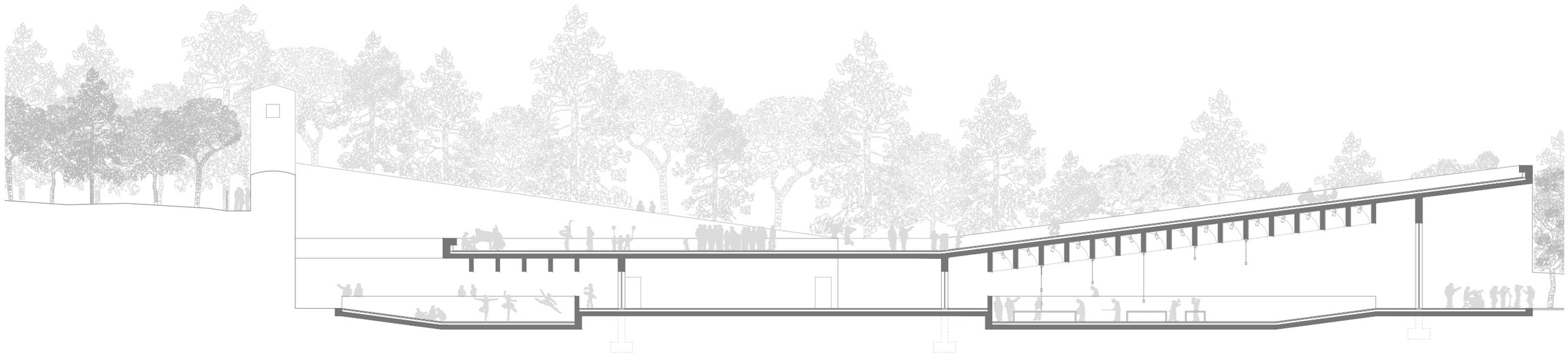


Imagem 53| Proposta | esc.: 1I 300

Corte BB' | Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres

Espaço de permanência plantado

Percurso viário

Quinta e Palácio dos Marqueses de Fronteira

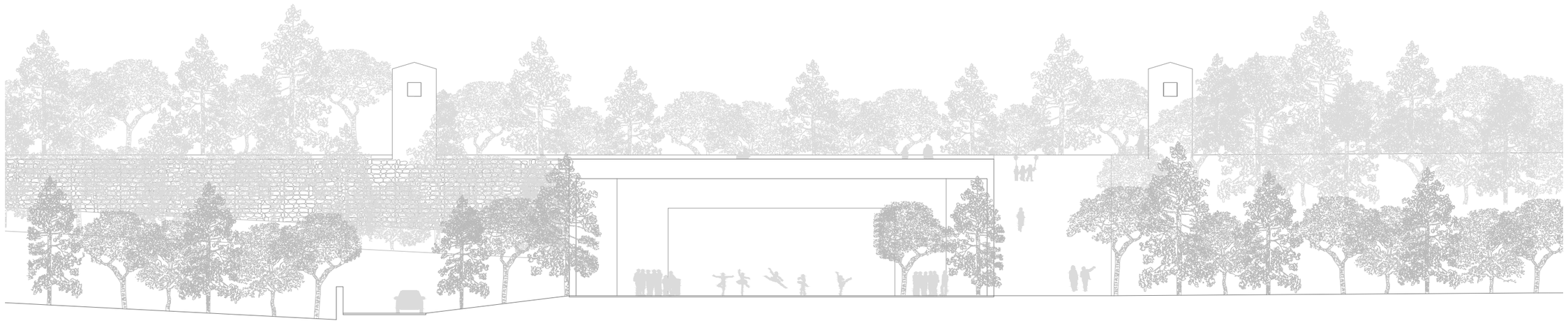


Imagem 54| Proposta | esc.: 1I 300

Corte CC' | Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres

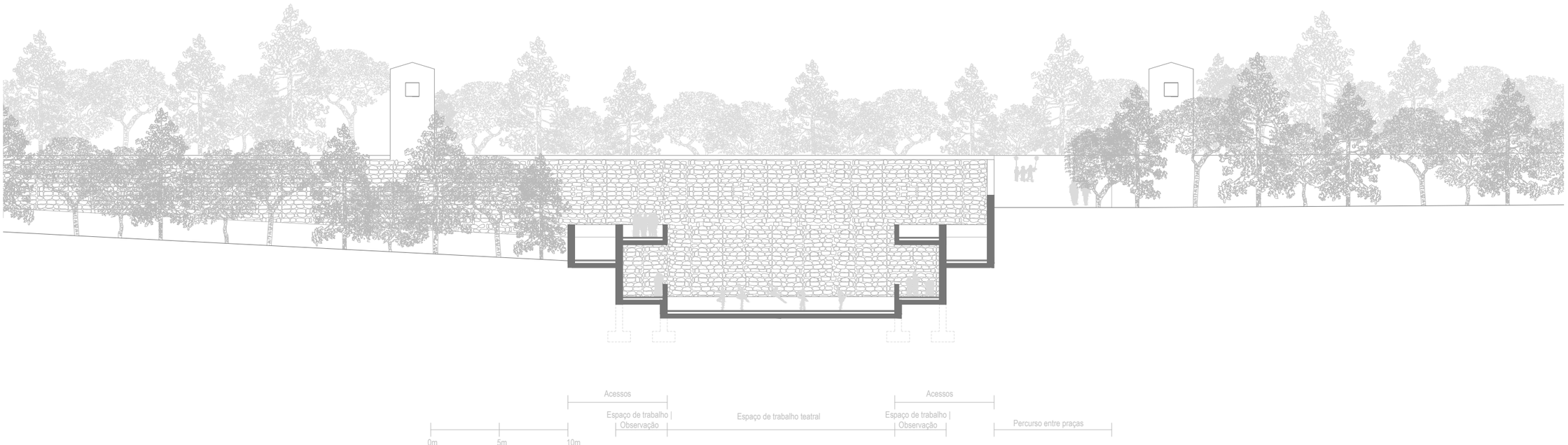
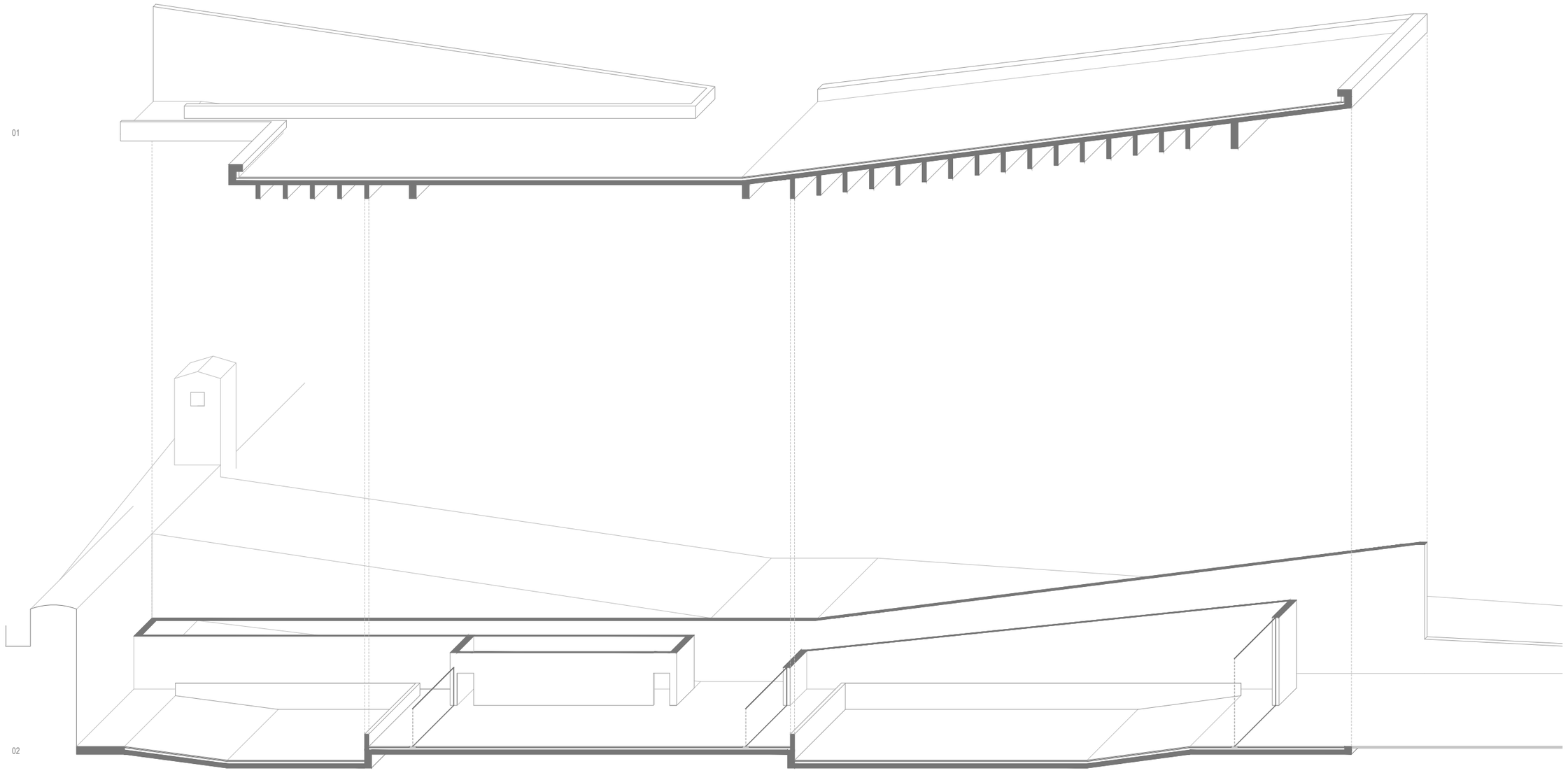


Imagem 55| Proposta | esc.: 1l 300

Corte DD'' | Espaço de Representação 02 | Cenário Aqueduto das Águas Livres

01



02

Imagem 56| Proposta

Axonometria | Espaço de Representação 02

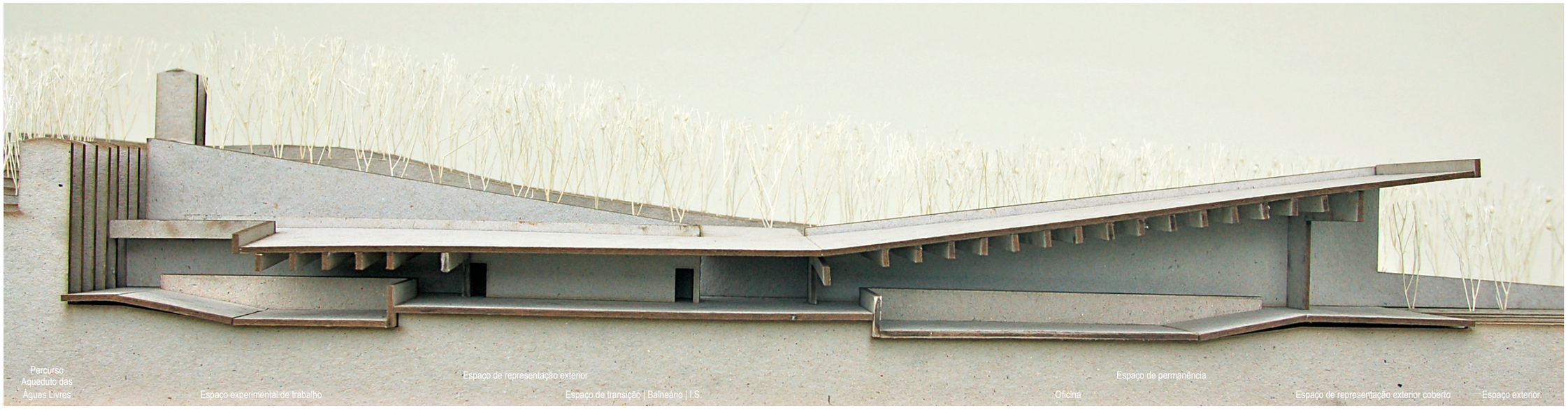


Imagem 57| Fotografia
Maquete

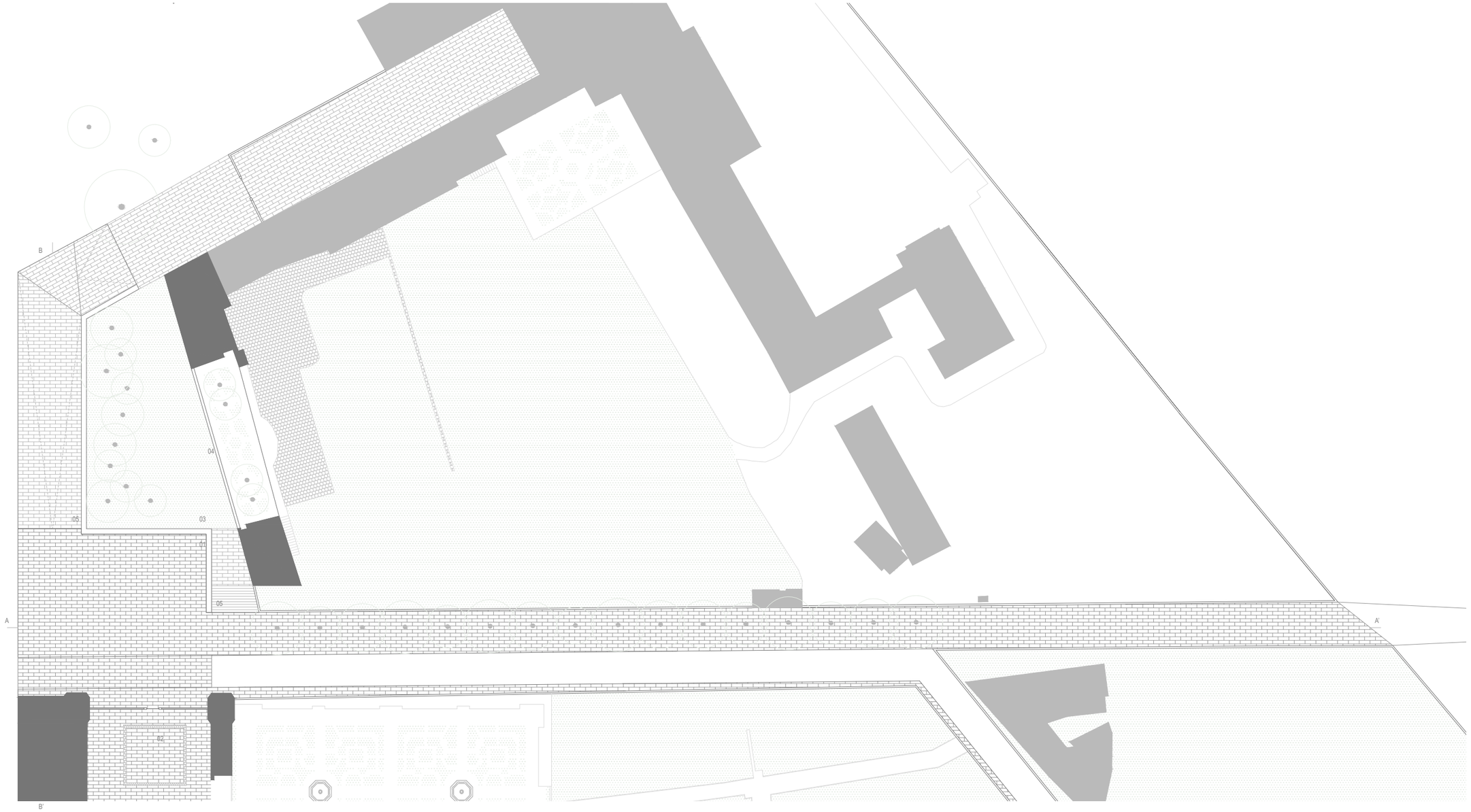


Imagem 58| Proposta | esc.: 1l 750

Planta | Espaço de Representação 03 | Cenário Palácio dos Marqueses de Fronteira | Chafariz de Desvime

01| Espaço de representação pétreo; 02| Palácio dos Marqueses de Fronteira; 03| Espaço de representação plantado 04| Chafariz de Desvime; 05| Acesso.

Espaço de Representação 03 | Cenário Palácio dos Marqueses de Fronteira | Chafariz de Desvime

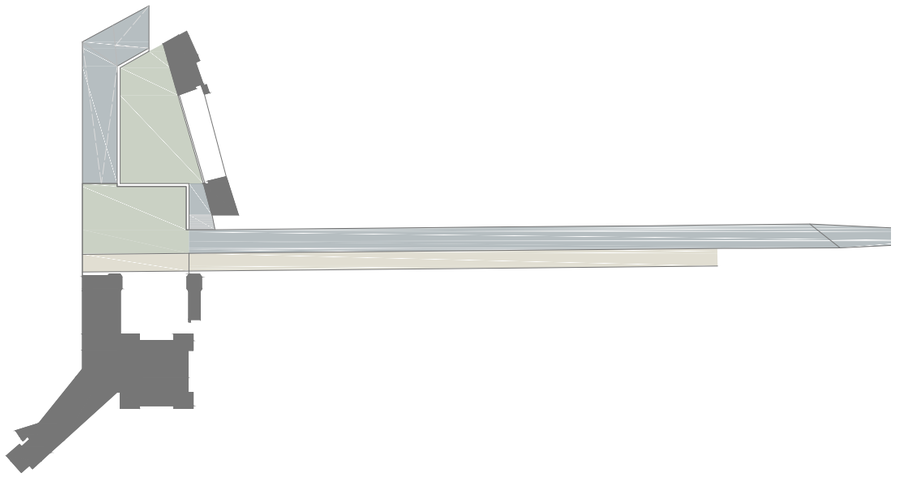


Imagem 59| Esquema de organização programática | esc.: 1|2000

Espaço de Representação 03

Espaço de permanência | Representação exterior Circulação Acesso viário condicionado

A transformação do actual parque de estacionamento, implantado naquele que deveria ser o Largo de S. Domingos de Benfica, numa praça de representação surge como consequência das duas praças propostas anteriormente, a Praça de Representação 02 e o Centro de experimentação teatral Gil Vicente.

Envolvido pela arquitectura do lugar e apropriando-se dela como parte cénica das suas representações, este espaço de representação desenvolve-se a duas cotas diferentes, um à cota 80, tendo o palácio dos Marqueses de Fronteira como fundo e outro à cota 78, com o chafariz de Desvime.

A praça superior, prolonga-se até à entrada do palácio. Desenhada em pedra, sobrepõe-se ao percurso viário de acesso restrito ao bairro do Calhau. A chegada ao espaço de representação que se encontra a uma cota inferior, é feito através de uma rampa que não só o envolve, como faz a transição entre a praça pétrea e exposta ao sol e o espaço fresco plantado com árvores, à cota 78.

Assim sendo é possível fazer-se um paralelismo entre os dois espaços aqui presentes e a experiência vivida na visita ao Palácio dos Marqueses de Fronteira, onde a cotas diferentes, temos o Jardim Formal exposto ao sol e o Jardim de Vénus envolvido pela sombra das árvores.

As oposições presentes nas diversas praças de representação propostas, são o reflexo sensitivo da experiência que vai ser percorrer e usufruir estes espaços. Sol, sombra, pétreo, vegetal, chão, tecto são características dos palcos propostos que pretendem acolher a vida do individuo e a sua exposição, seja ela individual ou social.

Imagem 60| Fotografia

Palácio dos Marqueses de Fronteira | S. Domingos de Benfica

Imagem 61| Proposta | esc.: 1I 300

Corte AA' | Espaço de Representação 03 | Cenário Palácio dos Marqueses de Fronteira

Imagem 62| Fotografia

Chafariz de Desvime | S. Domingos de Benfica

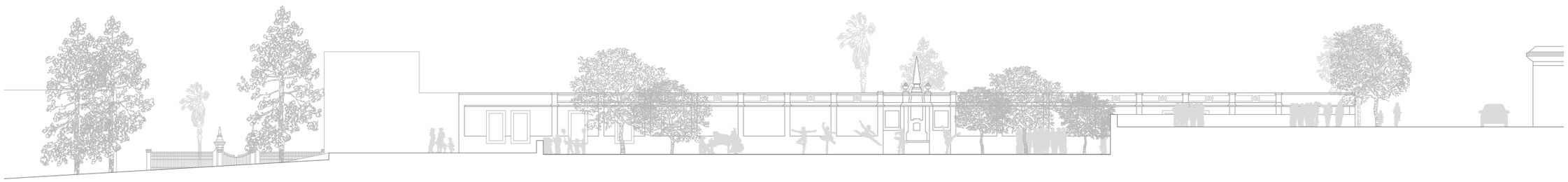


Imagem 63| Proposta | esc.: 1I 300

Corte BB' | Espaço de Representação 03 | Cenário Chafariz de Desvime

“ Séneca – Nenhum vento sopra para quem não sabe para onde ir ”

Contextualização: Comentário do professor Joaquim Moreno à citação inicial da tese de George Braque.

“Nessun vento è favorevole per il marinaio che non sa a quale porto vuol approdare.”[52]

[52] SENECA, Anneo. Lettera 71, 1975, p. 458-459. Disponível em http://it.wikiquote.org/wiki/Lucio_Anneo_Seneca.

Aqueduto das Águas Livres

ANDRADE, José Sérgio Veloso de. Memória sobre chafarizes, bicas, fontes e poços públicos de Lisboa, Belém e muitos outros lugares do termo, Imprensa Silviana, Lisboa.

BILOU, Francisco; MASCARENHAS, José Manuel de; NEVES, Nuno Sousa. O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. Revista Portuguesa de História, no. 43, Coimbra, 2012.

GIL, Ana Cristina Chalaça. Modelos Digitais – Geometria Associativa: particularidade da musealização de monumentos em extensão. O Aqueduto das Águas Livres como caso de estudo. Lisboa, 2011. 202 f. Dissertação para obtenção do grau de mestre em Arquitectura apresentada ao Instituto Superior Técnico.

MARAT-MENDES, Teresa. Ensaio: Do Aqueduto de Lisboa aos Novos Vazios, in Proceedings of SEU - Vazios Uteis - Lisboa 19-21 Julho 2007.

MOITA, Irisalva. D. João V e o Abastecimento de Água de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2 v. Lisboa, 1990.

OCHOA, Rita. Ensaio: Espaço Público e Frente de Água – Repensar o Limite, Universidade de Barcelona | Universidade da Beira Interior, Barcelona, 2008.

PEREIRA, Cristóvão Valente. Ensaio: Chafarizes de Lisboa – Monumento e Função Prática, Universidade de Barcelona

SARAIVA, José Cunha. O Aqueduto das Águas Livres e o arquitecto Ludovice, Câmara Municipal de Lisboa. Lisboa 1938.

SEGURADO, Jorge, 1970. Francisco d'Ollanda. Edições Excelsior, Lisboa, 1970.

Catálogo da Exposição Cultural relativo ao Aqueduto das Águas Livres e abastecimento de Água à Cidade de Lisboa. Lisboa 1940

Palácio Marqueses de Fronteira

BACON, Edmund. Design of Cities. In CASTEL-BRANCO, Cristina. Os Jardins dos Vice-Reis – Fronteira. Edições Asa II, S.S., 2008.

CASTEL BRANCO, Cristina (1989), An Analysis and Restoration Proposal for a Seventeenth Century Garden, Master's thesis presented to: University of Massachusetts, Amherst

CASTEL-BRANCO, Cristina. Os Jardins dos Vice-reis, o Lugar e o Significado. 1992.

CASTEL-BRANCO, Cristina. Os Jardins dos Vice-Reis – Fronteira. Edições Asa II, S.S., 2008.

CORREIA-ARNOULD, Ana Paula Rebelo: As fontes de inspiração dos azulejos da Galeria das Artes. in Revista Monumentos, no7, DGEMN, 1997.

DÁ-MESQUITA, Marieta. Divagações em Torno de um Sonho – Breve Percurso pelos Jardins do Palácio Fronteira. Revista do Mestrado em Teorias da Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, no7, 2005.

DÁ-MESQUITA, Marieta. História e arquitectura: uma proposta de investigação: o Palácio dos Marqueses de Fronteira como situação exemplar da arquitectura residencial erudita em Portugal. Dissertação para Doutoramento, FAUTL, Lisboa, 1992.

DÁ-MESQUITA, Marieta. Palácio Fronteira: um percurso arquitectónico. in Revista Monumentos, no7, DGEMN, 1997.

MASCARENHAS, D. Fernando, Sermão ao meu sucessor, Dom Quixote, Lisboa, 2003.

MASCARENHAS BARRETO, D. José Trasimundo. Memórias do Marquês de Fronteira ditadas por ele próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto Campos de Andrade. Parte primeira e segunda (1820 a 1824). Imprensa da Universidade de Coimbra, 1926.

MASCARENHAS BARRETO, D. José Trasimundo. Memórias do Marquês de Fronteira ditadas por ele próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto Campos de Andrade. Parte terceira e quarta (1824 a 1833). Imprensa da Universidade de Coimbra, 1928.

MASCARENHAS BARRETO, D. José Trasimundo. Memórias do Marquês de Fronteira ditadas por ele próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto Campos de Andrade. Parte quinta e sexta (1833 a 1842). Imprensa da Universidade de Coimbra, 1929.

MASCARENHAS BARRETO, D. José Trasimundo. Memórias do Marquês de Fronteira ditadas por ele próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto Campos de Andrade. Parte sétima e oitava (18242a 1853). Imprensa da Universidade de Coimbra, 1931.

MASCARENHAS BARRETO, D. José Trasimundo. Memórias do Marquês de Fronteira ditadas por ele próprio em 1861, revistas e coordenadas por Ernesto Campos de Andrade. Apêndice (documentos oficiais e particulares (1802 a 1881). Imprensa da Universidade de Coimbra, 1932.

MASCARENHAS, Fernando. Palácio – História, 2007. Disponível em www.fronteira-alorna.pt.

MECO, José: A Azulejaria. in Revista Monumentos, no7, DGEMN, 1997.

MECO, José: Os embrechados. in Revista Monumentos, no7, DGEMN, 1997.

NEVES, J. Cassiano. Jardins e Palácio dos Marqueses de Fronteira, 3o ed., Quetzal Editores, Lisboa, 1995.

NEVES, Pedro Mascarenhas Cassiano: Intervenções no século XX. in Revista Monumentos, no7. DGEMN, 1997.

Plano de Valorização e Recuperação da Quinta de Recreio dos Marqueses de Fronteira e Alorna. 1997.

PINHARANDA, João: Paula Rego no Palácio. in Revista Monumentos, no7, DGEMN, 1997.

PONTI, Maria Pasolini. The Italian Garden. Milão,1920.

PROENÇA, Raul, (dir. de) – Guia de Portugal Lisboa e Arredores. Lisboa, 1924.

QUINTAS, Joana de Avelar Teixeira Califórnia. Acções de Salvaguarda e Reabilitação do Património: O Exemplo do Palácio de Fronteira. Lisboa 2011. 164 f. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos apresentada ao Instituto Superior Técnico.

VITERBO, Sousa (coord.), Dicionário Histórico e Documental dos Arquitectos, Engenheiros e Construtores Portugueses, Imprensa Nacional, Lisboa, 1922.

Praça de Representação

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. Lisboa: Espaços Teatrais Setecentistas, Lisboa: Livros Horizonte, (Colecção Cidade de Lisboa), Lisboa, 1996.

CORBUSIER, Le. "Le Théâtre spontané", en Architecture et dramaturgie. Paris Flammarion editeur, 1950.

BROOK, Peter. A porta aberta. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1999.

BROOK, Peter. O Teatro e o seu espaço. [Consult. 2 Julho 2013]. Disponível em http://pt.scribd.com.

ROCHA, Paulo Mendes Archias da in Cosac Naify. São Paulo, Brasil.

Zumthor, Peter. Atmosferas. Gustavo Gili, 2006.

Geral

AALTO, Alvar . "Le paradis selon les architects (Conferência proferida em Malmo). 1957. Claude Eveno (ed.) Aalto: de l'ouvre aux écrits. Paris. Centre George Pompidou, 1988.

Biblioteca Nacional de Portugal. www.bnportugal.pt. [Consult. 20 Outubro 2013].

Câmara Municipal de Lisboa. www.cm-lisboa.pt. [Consult. 10 Outubro 2013].

GROER, Étienne de. Plano Director de Lisboa: modo actual de construir. Lisboa: Câmara Municipal, 1948.

Museu da Cidade. www.museudacidade.pt. [Consult. 18 Outubro 2013].

SILVA, Augusto Vieira da. Plantas Tipográficas de Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1950.

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. www.igespar.pt. [Consult. 15 Outubro 2013].